

Agenciamentos de cura em território de afetos: socialidades e composição de mundos por meio do manuseio de plantas por parte de uma benzedeira da comunidade quilombola Nicanor da Luz (RS)¹

Rosane Aparecida Rubert (ICH-UFPEL/RS)

Palavras-chave

Comunidades quilombolas; Território; Cosmologias Afrodiáspóricas

Carreiros, horta, cozinha

Dia ensolarado, mas irremediavelmente gelado, do mês de junho de 2018. Eu e duas estudantes colaboradoras do projeto de extensão que coordenava na época² ocupávamos, juntamente com Tia Santa, uma margem da rua Raulino Lessa, também conhecida como Corredor da CICA³, na Vila do Cancelão⁴, município de Piratini (RS). Estávamos em frente à pequena casa que sediava, à época, a Associação Quilombola Nicanor da Luz, local em que também realizávamos assessoria às atividades de artesanato com algumas mulheres daquela comunidade⁵. Havia dois anos que a equipe do projeto acompanhava aquele grupo de artesãs, mas naquele dia tínhamos ido até a comunidade para nos aventurarmos na produção de um documentário artesanal, após a construção da

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Trata-se do projeto “Etnodesenvolvimento e Direitos Culturais em Comunidades Quilombolas e Indígenas”, que esteve em vigência durante o período de 2014 à 2020. As estudantes que acompanhavam as atividades naquele dia eram: Maria dos Santos Escobar, do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, e Nicole Pereira Xavier, do curso de Bacharelado em Antropologia, ambos da Universidade Federal de Pelotas.

³ CICA era uma empresa de plantação de frutíferas em larga escala, e na continuidade desta via de acesso, chega-se à estas lavouras nas quais, periodicamente, integrantes desta comunidade quilombola e daquela vila rural trabalham em extenuantes, e geralmente mal remuneradas, jornadas de trabalho. A sobreposição de outro nome à denominação oficial da rua, por parte dos moradores locais, inscreve no espaço suas experiências de vida relacionadas ao trabalho, uma vez que é por este corredor que passavam (e ainda passam) para chegar à este e outros empreendimentos agropecuários onde trabalham para ganhar seu sustento.

⁴ A Vila do Cancelão dista aproximadamente 10 quilômetros da sede do município de Piratini. Contém uma infraestrutura urbana, como posto de saúde, escolas, creches, praça com equipamentos para brincadeiras infantis, estabelecimentos comerciais e algumas ruas asfaltadas. Ao mesmo tempo, é cercada por campos e pequenas hortas e lavouras, sem contar que grande parte dos seus moradores, egressos do meio rural, trabalham para empreendimentos agropecuários (as “firmas”, como costumam falar).

⁵ A comunidade, há alguns anos, luta para a construção da sua sede própria, viabilizada graças à sensibilização de um dos seus componentes que, após assistir o documentário produzido pela equipe do Projeto de Extensão, doou um pequeno terreno à Associação Quilombola para tal finalidade. A sede vem sendo erguida aos poucos, com recursos que chegam à conta-gotas do Governo do Estado, sob mediação da prefeitura local. Enquanto a finalização da obra não se concretiza, paga-se aluguel de uma pequena casa que abriga os equipamentos e materiais do grupo de artesãs Raízes Negras, constituído no bojo do mesmo Projeto de Extensão.

proposta junto aos integrantes da Associação⁶, que tinha por objetivo registrar memórias da constituição daquele território, assim como, de experiências pregressas de membros das famílias quilombolas, do tempo em que residiam na “campanha”⁷.

Revisito, por meio deste texto, algumas gravações realizadas pela equipe, como um meio de recriar, de forma parcial, os trânsitos inextricáveis de Tia Santa por aquele espaço de convivência, inscrevendo nele seus conhecimentos de forma a constituí-lo como território. Acordar de madrugada, tomar seu chimarrão perto do seu fogão à lenha conversando com uma ou outra de suas filhas ou algum(a) morador(a) local, que desde cedo veio em busca de algum aconselhamento ou benzimento (ou apenas, para colocar a conversa em dia), constitui a rotina de Tia Santa. Na sequência, é comum se deslocar até o pequeno Centro de Umbanda, situado em outro terreno, há pouco mais de 100 metros de sua casa e do lado inverso da rua, para rogar pela segurança dos que estão espiritualmente sob sua responsabilidade, especialmente os que se deslocaram para seus empregos ainda na madrugada, para que possam ir e retornar de seus trabalhos com a devida proteção. Após, o dia de Tia Santa é marcado, até algumas horas da noite, por intensos fluxos: dela própria pela vizinhança, para averiguar a situação de pessoas que necessitam de seu apoio espiritual, para simples conversas de rotina, ou para resolver assuntos relacionados às atividades do Centro de Umbanda e Associação Quilombola; ou de outras pessoas até ela, que vão em busca de aconselhamentos e cura. Algumas dessas pessoas residem na Vila Cancelão, outras se deslocam da cidade de Piratini até o local, ou de cidades e localidades rurais da região.

Naquele gélido dia de inverno, convidamos Tia Santa a mostrar um pouco as plantas das imediações da sua casa, localizada nos fundos de uma rua sem saída – Rua da Iemanjá – à qual se tem acesso formal, de automóvel, pela Rua Raulino Lessa. Não é este, entretanto, o caminho que ela percorreu na ocasião. Ela segue um dentre os diversos “carreiros” que cruzam o terreno de um vizinho, o qual é composto por muitas árvores e plantas, algumas frutíferas, além de pequenos animais que por lá circulam: pássaros ali abrigam seus ninhos, galinhas e porcos ciscam pelo chão, cachorros e gatos transitam tranquilamente – para citar os mais comuns e visíveis. Este “carreiro” tem início, pela Rua Raulino Lessa, cerca de 200 metros antes da entrada da Rua Iemanjá, e, ao contrário

⁶ Ao final das gravações, foram editados dois documentários: À Luz do Nicanor – Parte I e À Luz do Nicanor – Parte II.

⁷ “Campanha” é o termo utilizado por moradores da Metade Sul do RS para se referirem aos espaços que compõem o meio rural.

desta via de deslocamento, que atravessa um terreno íngreme, o “carreiro” permite o acesso à residência de Tia Santa por um terreno mais plano, facilitando a caminhada. Sem contar que encurta o acesso aos vizinhos da parte de baixo da Rua Raulino Lessa.

Ela caminha devagar, em um ritmo bem mais lento do que geralmente o faz. Tem a exata noção do que significa o registro daquelas imagens e de que as duas estudantes – uma portando uma câmera e outra, com um gravador em mãos – necessitam de um tempo mais lânguido para acompanhar os seus passos. Percorre o caminho estreito até chegar ao portão que dá acesso ao terreno de sua moradia, pela parte dos fundos. Próximo a este portão, porém ainda no terreno que formalmente pertence ao vizinho (e que não é quilombola), destacam-se algumas frutíferas plantadas por Tia Santa e das quais sua família usufrui. Tão logo o portão é ultrapassado, se atém à pequena horta que é direcionada para o plantio de algumas ervas de chá e explica, com um tom mais compassado do que comumente usa:

Aqui as hortinhas do chá, oh: erva cidreira pro gripe; alevante, pra sapinho⁸ de criança, **chazinho que eu esperei vocês**. Ali é o morango, que a gente faz o chazinho da folha do morango pra pedra na vesícula, pedra nos rins, e a gente tem essas qualidades, de fazer essas coisas. Olha aqui oh, essa erva aqui é uma erva que cura tudo o que é ferida, ela é um antibiótico natural, uma erva que é poderosa, a gente faz bastante chá dela pra lavar ferida. (Silva, 2018a)

Sim, tínhamos sido recebidas naquela manhã, quando chegamos à sua casa, assim como em outros tantos rigorosos dias de inverno em que à visitamos, com um chá quente, cuja caneca repousava no seu fogão à lenha. Acima deste, um pequeno e permanente varal de fio de arame liso conecta uma parede à outra, no qual pendura-se, especialmente nas estações frias, cascas de frutas e sacolas com ervas que, defumadas pela fumaça da lenha, são poupadas do mofo, e quando secas, usadas para chás, xaropes ou banhos de “descarregos”⁹. Bem próximo ao fogão há uma cadeira ali disposta de forma permanente, demarcando o seu lugar favorito (assim como de sua gata), mas o qual cede quando, em dias de inverno, chega alguém com muito frio – ou então, para agradar alguma visita pela

⁸ Pela linguagem biomédica, “sapinho” é uma infecção causada na boca do bebê por um fungo (cândida albicans). O que Tia Santa identifica como “sapo” ou “sapinho”, porém, talvez destoe um pouco desta definição, não sem abarcá-la, pois diversas vezes presenciei o benzimento, realizado por ela, em crianças que foram levadas com dor de garganta ou outros sintomas, às quais ela atribuiu o mesmo diagnóstico.

⁹ Banhos feitos com ervas, realizados por umbandistas com finalidade de purificação do corpo (designado, comumente, pelo termo “matéria”), especialmente antes das “sessões” (também designadas simplesmente como “trabalhos”), com o intuito de afastarem energias deletérias e participarem das práticas rituais com uma “vibração” mais alinhada com as entidades que irão “baixar” na terra.

qual nutre singular afeto. Qualquer pessoa conhecida que chegue à casa de Tia Santa em horários próximos às refeições é convidada à “se servir”, de forma que sua morada pode ser caracterizada, perfeitamente, como um grande centro de compartilhamento¹⁰: de alimentos, de benzeduras, de remédios caseiros, de escuta e aconselhamentos, de palavras que espontaneamente atualizam sobre os últimos acontecimentos da Vila ou da cidade.

Em outro dia em que a equipe do projeto esteve debruçada sobre a pequena horta¹¹, Tia Santa nos adicionou outras qualidades para as ervas acima citadas, indicando que a percepção de suas qualidades é modulada de acordo com a atenção, necessidades ou singularidades da pessoa com quem está dialogando ou a quem irá aplica-las para cura ou proteção. Não se trata de um sistema de conhecimento extático, mas aberto às interações que estabelece com outros humanos e não-humanos, e a percepção das forças que estão interagindo em cada situação particular, algumas das quais não perceptíveis para pessoas comuns. Explicou que a erva-cidreira, além de curar a gripe, poderia ser usada para curar a “febre do sapinho” em crianças, dor de cabeça e insônia nos adultos. Que o chá de alevante poderia ser usado, para “sapinho de criança”, não apenas por meio da ingestão, mas também por meio de banhos. Já a folha do morango, para ter eficácia para a pedra nos rins e vesícula, precisava ser fervida junto com a pele interna da moela da galinha (Silva, 2018b): foi então que tomou sentido, para mim, a observação que já havia feito, quanto à presença dessas peles secando em um cantinho da sua pia, em situações em que ia lavar a louça após refeições que realizava em sua casa. Tia Santa não cria galinhas, logo, essas moelas (ou apenas as suas peles internas) chegam até ela por meio da conexão com outros quintais, situados na Vila Cancelão ou na “campanha”.

¹⁰ Em dias de sessão no Centro de Umbanda que está sob o comando de Tia Santa, além de alguns integrantes da “corrente”, pessoas não tão próximas ou desconhecidas que foram procurar “conforto”, também encontram ali um prato de refeição, ao qual pagam um valor modesto, cobrado para cobrir os custos da alimentação que é servida. Ademais, inúmeras vezes presenciei recipientes de comida saindo de sua cozinha para circular pela vizinhança, ou para a casa de alguma pessoa idosa e/ou doente, ou para alguém que chegou do trabalho cansado no horário da refeição e não tinha comida pronta, ou simplesmente para agradar esta ou aquela pessoa que nutre apreço pelo alimento específico que estava sendo presenteado.

¹¹ Incursão etnográfica realizada em 6 de outubro de 2018, pela equipe do Projeto de Extensão “Etnodesenvolvimento e Direitos Culturais em Comunidades Quilombolas e Indígenas”.

Imagem 2 – A pequena horta de chás



Nesta segunda ocasião em que visitamos a sua horta, outras plantas nos foram apresentadas: a alfazema, que é “pra negócio de cólica, criança que tem muita cólica. Então tu faz o chazinho da alfazema, dá após o banho e dá uma enroladinha na criança, transpira o corpo e passa a cólica”; lágrima de Nossa Senhora, “com o qual a gente faz a guia [de preto-velho]. E isso aqui é bom pra bronquite, fazer o chá pra quem é alérgico também é muito bom”. Tia Santa nos ensinou que com as sementes desta planta é possível fazer, também, uma simpatia para bronquite: “Tu pega nove ou sete [sementes] e faz um brevezinho e bota embaixo do travesseiro da criança, é pra passar aquela ronqueira, que a criança tá sonssada da bronquite, tipo aquela falta de ar, e é a simpatia que a gente faz”. O alecrim, nos explicou, “pra pressão alta mesmo, é uma maravilha. Pra tosse, quem tem tosse seca, aquela tosse rouca, aquela coceira na garganta, a gente faz o chazinho de noite, toma, vou te dizer, é uma benção!”. Já “o colé, que é pra saída de dente, a gente faz aguinha do colé pra dar pra criança beber pra passar aquela alergia que tem nos dentes quando vão romper. É muito bom”. A malva cheirosa também compunha o conjunto de ervas que aciona nas suas práticas de cura, “pra cólica de menstruação que gurias novas sempre tem, que geralmente dão só nas novas, que as pessoas pegam frio e era um antibiótico muito bom pra isso aí” (Silva, 2018b). Foram várias outras plantas apresentadas neste dia, assim como em vários outros momentos em que caminhamos nas imediações de sua casa.

O terreno que pertence formalmente para Tia Santa é pequeno, não detenho a sua medida exata, mas não deve ultrapassar 20 metros de frente e 100 metros de comprimento. Na parte dos fundos, a aproximadamente cinco metros da casa de Tia Santa e no mesmo terreno, encontra-se a casa de uma de suas filhas, Sandra Catarina, que ali reside sozinha,

mas com visitas frequentes de seu filho, nora e netos. A porta dos fundos da casa da primeira está quase sincronizada com a porta de entrada da casa da segunda, e entre uma e outra há intensa circulação, até porque, Sandra ocupa o posto de cozinheira da casa e faz as refeições junto com a mãe. Resta pouco espaço, portanto, para compor uma comunidade de plantas das quais necessita lançar mão para as suas práticas de cura e proteção. A horta, extremamente pequena, foi projetada para alcançar um pouco mais de autonomia em relação aos quintais vizinhos, sem no entanto, deles prescindir, uma vez que não supre todas as suas necessidades, na densa rede de compartilhamentos que mantém com esta vizinhança:

Tia Santa: Eu fiz essa hortinha aqui... Tu sabe, eu trato muito desse problema de sapinho, então, cada vez que eu precisava de uma erva de chá, eu tinha que ir num vizinho e pedir. E bah, um dia eu pensei: ‘tenho um lugar aqui que dá pra fazer uma hortinha’. Aí o Favorino, aquele que está sempre aqui comigo, disse: “bah Santa, a senhora compra a tela que eu faço pra senhora”. Aí ele fez e eu comecei a botar [plantas]. A primeira coisa que eu tinha, feito... Já comecei mal, aí eu botei o morango e o morango tomou conta. Aí eu botei a erva cidreira, mas não pensei que ela fosse tomar conta, e a erva cidreira tomou conta, ela foi plantada aqui e olha onde ela tá, vai por baixo do chão. Aí botei umas folhas de couve, digo: ‘vou enterrar umas folhas de couve’. A Maria me deu um talo e eu fui enterrando aí, a hora que precisar fazer uma sopa, já tem. E graças à Deus, vingou.

Rosane: E essas mudas todas a senhora conseguiu aonde?

Tia Santa: Tudo na vizinhança. Tudo foi na vizinhança. Esses morangos são lá da comadre Zeni, da onde nós viemos agora, ela deu umas três mudinhas e ele se alastrou, tomou conta. E aí a gente está fazendo, ali eu fiz a outra¹², mas eu separei um pouco, deixei essa aqui mais pra erva de chá. (Silva, 2018b)

A persistência das ervas na pequena horta é variável, algumas tem vida mais longa, outras são mais efêmeras, a depender das intempéries próprias de cada estação, como ondas de calor ou, principalmente, severas geadas. Além disso, nem sempre a planta necessária para uma ou outra prática de cura ou proteção vingou pela mão de Tia Santa: na cosmologia local, quem tem o “dom” para saber usá-las não necessariamente tem uma “boa mão” para plantá-las. Esse apanágio pertencia, especialmente, à sua vizinha Carlota, cuja casa está situada um pouco acima da sua, do lado oposto da rua, reconhecida na

¹² A outra horta indicada por Tia Santa, foi construída no terreno do seu vizinho, com o seu consentimento. Mas nesta, porém, realiza poucos plantios, pois a sombra das árvores impede a chegada até as plantas da luz do sol necessária para vingarem.

vizinhança por uma profícua relação com o plantio, e à quem se recorria perante a necessidade de uma ou outra erva, especialmente arruda, da qual mantinha vários e vistosos pés em seu quintal, tanto a espécie “macho” como a “fêmea”¹³. Os deslocamentos até o quintal de Tia Carlota eram usuais, especialmente, quando os(as) pretos(as) velhos(as) “baixam” na terra em dias de “trabalho” no Centro de Umbanda, para colher ramos dessa planta que usualmente utilizam perante as pessoas que os procuram para “tomar consolo” ou “caridade”.

A pequena horta de Tia Santa e seu quintal, assim como de vários(as) outros(as) moradores(as) daquela parte da Vila Cancelão, ancoram relações entretecidas por um complexo sistema de correspondências e ressonâncias, em que, por vezes, até mesmo a ausência se constitui em um fator vinculante: a necessidade de uma planta que não se tem, ativa a memória da sua existência em outro quintal, observação feita nas inúmeras caminhadas e visitas entre uma casa e outra. A intensidade do mal-estar de algum adulto ou criança, e a forma específica com que se manifesta em uma pessoa ou outra, ativa a memória de quais plantas, remédios caseiros ou processos de cura (como o benzimento) poderiam pôr termo a ele, assim como, a memória com quem se aprendeu. A singularidade de alguma desordem apresentada por um(a) consulente ativa o apelo à intervenção desta ou aquela deidade.

O acesso à casa de Tia Santa pela porta dos fundos, permitindo adentrar diretamente na sua cozinha, geralmente é facultado aos “mais chegados” – parentes e vizinhos mais próximos. A cozinha é pequena, de piso de cimento, e além do fogão à lenha, comporta o balcão da pia, outros dois armários para guardar louças e suprimentos, uma televisão e um fogão à gás. No entanto, acolhe uma pujante sociabilidade e o incomum é não encontrar pessoas que ali estejam conversando ao pé do fogão, o qual mantém constantemente aceso para ter brasas disponíveis para benzer quem repentinamente lhe procura para tal finalidade.

À frente de sua casa, pendendo para o lado direito, reside Iemanjá, em uma pequena casa construída para abrigá-la: a enorme imagem, que presentifica Iemanjá naquele pátio, acompanha Tia Santa desde quando residia na localidade de Cruz de Pedra, na “campanha”, local em que participava de outro Centro de Umbanda. É dentro da

¹³ Carlota Domingues da Silveira, mãe da segunda cacica do Centro de Umbanda Nossa Senhora Aparecida, faleceu no final de março do presente aos 82 anos, deixando notável lacuna no conjunto de mestres de notório saber da comunidade. Sua casa, até o momento, permanece fechada, mas Tia Santa me explicou, quando estive na comunidade no início do mês de junho, que a permissão para pegar ervas no seu quintal se mantém.

morada da santa, e sob seu olhar vigilante e acolhedor, que Tia Santa realiza suas benzeduras com brasa e tesoura, perante um pequeno congá que referencia ainda outras divindades. São benzeduras destinadas, geralmente, à adultos e crianças grandes, para mazelas cuja causalidade é atribuída a interferências espirituais ou “demandas” de outras pessoas sobre o(a) consulente. Crianças pequenas e bebês são comumente benzidas na sala de sua casa, sob o seu colo, com rápidos gestos que perpassam seus corpos e palavras sopradas em voz baixa.

Imagem 3 – A casa de Iemanjá, ao lado da casa de Tia Santa



Iemanjá migrou para o Cancelão no mesmo processo de deslocamento das famílias que passaram a residir naquela parte da Vila, assim como várias das demais entidades que compõem o panteão do congá do Centro de Umbanda Nossa Senhora Aparecida, localizado em um terreno que foi doado para tal finalidade pelo presidente administrativo do Centro. A família deste fazia parte da mesma rede religiosa e de vizinhança da família de Tia Santa, quando residiam na “campanha”. O processo de deslocamento dessas parentelas iniciou há aproximadamente quatro décadas, quando, segundo os moradores mais antigos, boa parte do terreno era coberto por mato, de forma que a escolha do local para reinstalar suas famílias, por parte dos primeiros moradores, não teve nada de fortuito: almejava-se residir nas proximidades de quem já se tinha intensa “consideração”, porque compartilhantes da mesma comunidade de fé e afeto e cuja composição não se resumia (e continua não se resumindo) apenas à humanos.

Isso ocorreu em um contexto de expansão da lógica da plantation sobre o Pampa: a tecnificação dos processos produtivos foi tornando dispensável a presença de uma mão-de-obra barata no interior das fazendas de criação extensiva de gado, enxugando postos de trabalho que geralmente tinham como contrapartida o direito de ter espaço de moradia, pequenas lavouras, hortas e a criação de alguns animais; postos de trabalho que eram ocupados, sobretudo, por famílias negras. Mesmo quando essas famílias possuíam alguma área de terras, era insuficiente para delas tirar o sustento, obrigando-as ao trabalho assalariado ou ao plantio na condição de “sócios” ou “de terça”¹⁴. Mas além disso, houve significativas alterações na matriz produtiva, com a pecuária sendo substituída pela silvicultura, fruticultura de grande escala e a monocultura da soja. Isso tornou os vínculos de trabalho mais precarizados, além de fragilizar e simplificar os ambientes de vida que compõem o Pampa, dinâmica própria das plantations (Bona, 2020, p. 6), a qual, nas palavras de Arturo Escobar, potencializa a “erosión sistemática de la base ontológica-territorial de muchos otros grupos sociales” (2014, p. 77), dentre eles, as comunidades quilombolas, muitas das quais, fragmentadas ou inteiramente desmanteladas neste processo.

Arturo Escobar propõe o conceito de ontologia relacional para pensar a densa rede de inter-relações que articulam humanos e não-humanos, cujos estatutos ontológicos são definidos pelas múltiplas posições que assumem em um emaranhado de relações, sendo que...

[...] todo conjunto de prácticas enactúa un mundo [...]. La pregunta fundamental que se hace la política ontológica es: qué tipo de mundos se enactúa a través de qué conjunto de prácticas (y, podemos agregar, con qué consecuencias, para cuáles grupos particulares de humanos y no-humanos). (Escobar, 2014, p. 103-104)

A persistência de densos vínculos entre pessoas, mediados pela circulação de plantas e outras materialidades, assim como dos vínculos entre plantas e pessoas, em um exíguo espaço em que famílias recompuseram seus mundos de vida em condições adversas, perpassa um processo de reterritorialização. Sobre aquele espaço são inscritos conhecimentos e lógicas de relações que rasuram o seu esquadramento formal em

¹⁴ Termo utilizado na região, pelas famílias quilombolas, para referir a relação conhecida no âmbito da antropologia e sociologia do rural como “meeiros” ou “agregado”. Usa-se também o termo “de terça” porque a terça parte da produção era destinada ao proprietário da terra.

pequenas posses, demarcadas por cercas, e seus fins estritamente utilitários – a reprodução de mão-de-obra disponível para os empreendimentos agropecuários da região.

2. “Eu me comprometi com Deus”

Retomo o percurso realizado em junho de 2018, pelo pequeno pátio e adjacências. Bem próximo à pequena horta, Tia Santa passa a mão nas folhas largas e grandes de uma planta, disposta rente à tela que separa os limites do pequeno terreno que formalmente lhe pertence do terreno pelo qual circulou, que pertence a seu vizinho: “Isso aqui também é bom pra garganta. A gente plantou um pezinho e deu bastante raiz”. Acima desta planta, aponta para um arbusto, situado no terreno vizinho, cujas folhas adentram no seu: “Isso aqui é o sabugueiro, que a gente faz o chá pra criança quando nasceu, pra os negócios do frio. E aqui, vem vindo, vem vindo que eu vou mostrar pra vocês mais adiante as codornas que eu tenho aqui no pátio” (Silva, 2018a). Próximo ao sabugueiro, há um pé de laranja-lima e outro de limão-bergamota, também plantados no terreno vizinho, mas cujo usufruto é realizado por Tia Santa e sua família.

Tia Santa benze todas as pessoas que a procuram para tal finalidade, independente de idade, classe social, pertencimento étnico-racial e mazela que esteja afligindo o(a) consulente. Mas o atendimento às crianças é o que mais gera afluxo de pessoas à sua residência, com deslocamentos da cidade de Piratini, situada à 10km de distância, localidades e municípios das redondezas. Os(as) consulentes que residem em municípios mais distantes – crianças ou adultos – são atendidos(as) por meio de fotografias enviadas pelo whats app de uma de suas filhas consanguíneas ou rituais, junto com nome completo e data de nascimento. Para melhor atender a demanda por remédios para essas crianças, assim como as necessidades de alimentação de sua família, que Tia Santa mantinha uma criação de codornas, tal como mencionado acima:

Vêm vindo gurias, que eu vou mostrar pra vocês aqui as codornas. Isso aqui é as codornas, os ovos das codornas são muito bons pra negócio de anemia, eu **faço um xarope que leva 3 ovinhos de codorna, na laranjinha, a gente dá todos os dias pra criança, que é pra anemia.** Muito bom. São bem mansinhas. (Silva, 2018a).

Na continuidade do percurso de Tia Santa com as estudantes, ela passa pela lateral de sua casa, pelo tanque de lavar roupas, pelo seu pé de figo, fruta comum nos quintais da região e usada para fazer doces (figada ou compotas em calda), os quais inúmeras

vezes usufrui nas incontáveis visitas à sua casa¹⁵. Passa por um compartimento, usado como galpão, onde situa-se a gaiola de suas codornas e outros pertences, muitos dos quais, antigos instrumentos agrícolas que trouxe de sua residência anterior, que era situada em uma localidade rural, na “campanha”. Alcança a extremidade da residência, onde outro portão, feito de tela e ripas de madeira, dá acesso para a frente da sua casa, passando pelos fundos da gruta de Iemanjá. Alguns passos após cruzar o portão, segura nos galhos de outro arbusto e ensina para as estudantes: “Isso aqui é a ervinha santa, que é pra negócio de estômago. Quando a gente se sente enfiado, que faz uma alimentação que não digere, aí a gente faz um chazinho dessa ervinha santa, é bom até pra dor de cabeça.” (Silva, 2018a).

Segue mais uns passos, já afastando-se da sua residência e adentrando o corredor que leva ao Centro de Umbanda, pega com as mãos as pontas do galho de uma árvore de porte médio: “Isso aqui é a murta, pra pressão alta, minha filha. A gente usa muito, tomar no chimarrão, ou tomar o chazinho quando a pressão da gente está alta. A murta é muito bom.” (Silva, 2018a). Já bem próxima à varanda do Centro de Umbanda, indica com as mãos algumas plantas ornamentais:

E as flores, que a gente sempre ama. Que é muito bom a gente ter. E **a arruda que é pra benzer o quebrante das crianças**. A gente pega os galhos de arruda, **antigamente a gente usava atrás da orelha**¹⁶, por causa do quebrante, e as crianças a gente benze também. Quebrante de mãe, quebrante de pai, quebrante de tio, quebrante de vô, quebrante de madrinha, quebrante de padrinho: ‘em nome de Deus e da Virgem Maria, este quebrante terá o fim do Senhor do Bonfim’. Visse? Belo, né? (Silva, 2018a)

É muito difícil mapear a diversidade de benzimentos e de remédios compostos produzidos por Tia Santa. As desordens diversas que afetam crianças constituem um dos principais motivos para o grande afluxo de pessoas à sua casa. Algumas delas são

¹⁵ Geralmente, quem faz os doces com os figos colhidos no seu quintal é sua irmã Maria, que reside nas proximidades, na rua Raulino Lessa. Se Tia Santa é amplamente reconhecida pelos dotes de cura, Maria o é pelos dotes culinários, e não é incomum o compartilhamento dos frutos desses dotes com a irmã.

¹⁶ Até hoje vários integrantes da comunidade umbandista, que frequentam o Centro Nossa Senhora Aparecida, fazem uso do galho de arruda atrás da orelha, seja nos dias de “trabalho”, seja em dias comuns. É muito comum se fazer referência, especialmente por parte dos mais velhos, à alguma prática ou hábito como sendo próprio de “antigamente”, o que pode remeter para uma noção de tempo pretérito, mas não necessariamente no sentido cronológico, da temporalidade hegemônica cronometrada. O termo “antigamente”, por vezes, é usado para referir um passado que vaja para o presente, que se mantém vivo por meio da atualização de práticas e conhecimentos considerados imprescindíveis para a continuidade de um determinado modo de vida, configurando uma concepção espiral de tempo (Martins, 2021).

acompanhadas desde o ventre da mãe e/ou logo após o nascimento, momento considerado crucial, em razão da vulnerabilidade dos infantes às forças cósmicas que interferem no seu bem-estar. Não foram poucas as situações que, acompanhando diálogos corriqueiros em sua casa, ouvi ela fazer alusão que o problema desta ou aquela criança decorria de uma relação desarmônica com a lua. Ao perguntar a ela, em um dos primeiros diálogos que gravamos, o que era o “benzimento da tomada da lua”, respondeu:

Esse benzimento, a gente tem que benzer a criança naquela lua que a criança nasceu, porque antigamente mostrava, a criança nascia e tinha que mostrar pra lua. Só que hoje as pessoas mostram pra qualquer [fase da] lua e não pode ser pra qualquer [fase da] lua, tem que ser a [fase da] lua que a criança nasceu, entende? Enquanto a criança não for mostrada pra lua que nasceu, a criança fica chorona, não dorme e come, tu dá maminha, dá chá, dá leite e a criança tá sempre naquele grume, naquela revolta, e só fica no colo, a cama tu toca, é espinho, então essas coisas assim e a minha mãe me ensinou e eu faço pra várias crianças. (Silva, 2016a).

Leda Maria Martins (2021) aponta para a presença, em diversas comunidades afrodiaspóricas, de cosmopercepções que pressupõem a agência de um princípio vital que interliga os diversos domínios que compõem o cosmos, de forma que, nas palavras de Arturo Escobar, “nada (ninguna entidad) pre-existe a las relaciones que la constituyen” ou seja, “nada existe en sí, todo inter-existe” (2014, p. 101). A dependência do bem-estar da criança e seu vínculo com a lua é uma das expressões de uma forma singular de compor o mundo. Outros fragmentos etnográficos, que seguem, também são exemplares dessa cosmopoética, que instaura um “pluriverso ondulante”:

Na origem de toda espiritualidade e de toda especulação teórica, está a experiência poética: a apreensão do mundo como totalidade viva, a intuição de que todos os elementos que nos cercam, nos atravessam e nos compõem – o vegetal, o mineral, a água, o ar, as ondas magnéticas – se correspondem, se entrelaçam e formam um único e mesmo cosmos. (Bona, 2020, p. 10-11)

Na minha circulação pelos vários momentos de diálogo com essa inestimável portadora de saberes ancestrais, retorno ao percurso de Tia Santa com a equipe do projeto de extensão, na manhã de junho de 2018. Antes de adentrar no pequeno espaço do Centro, ela ainda explica outra importante presença que o compõe, e que também encontra-se plantado próximo à sua entrada:

E tu sabe que aqui é a espada de São Jorge, que ele é um guerreiro. E aí ele é o governador desse ano, então nós fizemos essa plantação aqui, pra ele nos defender de tudo que é ruim. A gente tem muita fé nele. E essa espada está sempre junto com nós. (Silva, 2018a)

Pauso mais uma vez a caminhada para ponderar que algumas das plantas possuem uma potência ontológica diversa de outras, também usadas para proteção ou cura, como é o caso, na fala acima, da referência à espada de São Jorge. A planta que lá está não é uma simples representação da deidade, sim uma das formas de sua manifestação. Em um diálogo informal que se perde no tempo, em que Tia Santa me contava a história da Iemanjá que habita a pequena casa ao lado da sua, referiu a presença de um grande pé de arruda, próximo à entrada, plantada por ela mesma logo após a mudança da santa para lá. Entretanto, em uma ocasião em que recebeu a visita de um “pessoal de religião”, oriundos da cidade de Rio Grande, lhe foi ofertado, com grande insistência, um significativo montante de dinheiro em troca da santa. Tia Santa permaneceu irredutível à proposta e Iemanjá lá permaneceu. Mas o “olho grosso” em cima da imagem foi tão forte, que o caboclo da arruda, ao puxar aquela energia negativa para a terra, para que não permanecesse no ambiente, levou junto a força da planta, que secou, obrigando-a a plantar uma nova muda. O caboclo da arruda não morreu, transmutou-se em energia para poder domar outras energias, uma das plantas que manifestava a sua presença na terra, sim, mas para retornar ao lado da santa por meio de outra muda da mesma espécie.

A caminhada prossegue, adentra-se no pequeno Centro, que possui uma varanda, onde bancos são disponibilizados em dias de sessão para integrantes e frequentadores sentarem nos intervalos das atividades. Atravessando-se a porta, há o espaço da assistência, com bancos e cadeiras disponibilizadas nos dois lados do corredor que leva ao congá: nos dias de “trabalho”, como costuma-se dizer, do lado direito de quem entra, sentam-se as mulheres e crianças pequenas; do lado esquerdo, pessoas do sexo masculino. A separação deste espaço do ocupado pela “corrente” é marcada por uma espécie de cerca de madeira, que tem ao seu centro um portão. Tia Santa o atravessa e chegando ao congá, imediatamente acende as velas, gesto que repete sempre quando leva alguém até aquele espaço, mesmo em dia comum, quando não há sessão: não se conversa com as entidades sem antes iluminá-las, é uma forma de comunicar à elas a presença de pessoas no recinto. Pessoas que já são da “casa” imediatamente “batem a cabeça” perante as entidades que estão presentificadas nas imagens dispostas em uma espécie de mesa localizada rente à parede, inclinando a cabeça até elas, e cumprimentam com a mão, com pequenos toques

no chão as que estão embaixo da mesa e ocultas aos visitantes comuns por uma cortina – são as entidades da “linha da esquerda”, exus e pomba-giras. As pessoas que não são da casa também são convidados(as) a “bater a cabeça” ou “cumprimentar” o orixá – palavras usuais de Tia Santa; mas a elas não se espera e não se indica o cumprimento às entidades do “povo da rua”, apenas aos que já possuem alguma proximidade com as atividades do centro.

Tia Santa se coloca de pé ao lado do congá, de frente para a câmera. Uma das estudantes pergunta se há alguma relação entre as entidades ali presentes e as ervas que ela foi mostrando pelo caminho, ao que ela articula, em uma longa narrativa, um emaranhado de conexões, em que humanos, não-humanos e mais-que-humanos intercambiam intensidades, propriedades qualitativas, conhecimentos, afetos e dádivas:

É, geralmente, **isso é uma coisa do astral**, que a gente tem muita fé, isso foi **uma herança da minha mãe**. Que a gente se concentra... Eu não sei ler, nem escrever, só que **as entidades me mostram tudo**. Se tu chegar na minha frente e dizer: ‘ah, tia Santa, eu estou com dor de cabeça’. Eu vou fechar meus olhos, vou me concentrar na Vovó Rita, eu vou me concentrar no Vovô João¹⁷, e ele vai vim lá do mato com uma erva de chá pra mim conhecer que erva de chá que é aquela... é o alevante. Tu vai tomar o chá do alevante e vai te passar aquela dor de cabeça. Tu está entendendo? E se tu estiver com a pressão alta, eles vão me apresentar a murta, que é pra tomar pra baixar a pressão. E das crianças, também, é a mesma coisa. Me chega uma criança com sapinho: ‘ah, está com a barriga inchada, aquela coisa toda...’. E ai, eu pego aquela criança e **benzo com o nome daquelas entidades que me mostraram os chás** pra dar pra aquela criança, pra desintoxicar aquela intoxicação que está infeccionada nos intestinos. Aquele sapo, aquele vírus... Que eles dizem: ‘ah, uma infecção na garganta’. E às vezes é um sapo recolhido que está parado no estômago, na garganta, nos ouvidos, e mesmo nos peitos, que eles dizem que é bronquite. Ai eles [as entidades] me dão todas as coordenação pra mim fazer os chás, pra mim fazer as benzeduras, me dizem as palavras pra mim dizer, e, graças a Deus, tenho vencido bastante essas batalhas dessas crianças com esse problema. Então essa geração era da minha mãe. **Tanto a minha mãe como o meu pai, trabalhavam muito com essas entidades dos africanos** e a gente, eu fui acompanhando junto, e estou até o dia de hoje e não me arrependo, porque é muito bom, é muito poderoso. **Tudo o que é natural, é uma coisa muito poderosa, e essas medicações são tudo natural**. Xaropes eu faço, são 24 horas de processo, que a gente batiza as árvores que a gente colhe no mato. Junta na [lua] minguante. Eu ferver, eu coo, bem coadinho num pano, e depois, quando fez 24 horas que eu cozinhei elas, ai eu vou botar os outros [ingredientes] restantes do processo, que é pra fazer o batismo¹⁸. E graças a Deus, vai

¹⁷ Vovó Rita e Vovô João são deidades da umbanda da Linha de Pretos-Velhos, também denominada Linha Africana.

¹⁸ Batizar uma planta, xarope ou algum outro remédio natural preparado com ervas é benzê-los invocando entidades específicas, potencializando o seu poder de cura. Parte-se do entendimento que não são apenas

pra Santa Catarina, vai pra toda parte. Agora, ontem eu tive que trabalhar desde as 4 horas da madrugada. Já estou com os 4 vidros prontos, que amanhã de manhã eles vem buscar. [risos] Então é assim né, a gente... Tudo o que eu sei, tudo é assim oh, **tudo é mais ou menos espiritual e o que eu via a minha mãe fazer**. Eu tinha vontade, achava bonito e, graças a Deus, o Pai me achou capacitada de me dar esse encargo e estou cumprindo, graças à Deus. Então, a gente fica bem grato de tudo isso, porque, geralmente tem gente que não acredita que eu não sei ler. Mas não tive a oportunidade, porque naquela época, preto não entrava no colégio. Preto era só no cercado¹⁹, capinando, roçando, cortando de machado, era só isso aí. De dentro de casa pra dentro do cercado. Então a gente não teve essa oportunidade de aprender a ler. Mas graças a Deus... Eu gostaria de aprender a ler, mas Deus não me deu essa oportunidade, mas me deu essa que eu amei, e até o dia de hoje eu adoro ela. Tanto pra mim, como pra todos, o pouquinho que eu sei, eu gosto muito de dar a doutrina pras pessoas. E não tem hora também, porque **eu sempre me comprometi com Deus**, que se algum dia ele me desse uma missão pra mim cumprir, pra mim não ia ter hora. E é o que faço, 3 horas da madrugada, bate na porta: ‘vamos ali tia Santa que o fulano está sentindo isso, sentindo aquilo’. ‘Ah vamos!’ Eu me comprometi com Deus e, graças a Deus, eu me sinto feliz. Então **é muito bom, a gente trabalhar com os africanos mesmo, que são da África, eles sabem bem o que é a medicação, e eles têm bastante ensinamento da escravidão pra gente**, que a gente deve de seguir sempre o lado direito, não o lado esquerdo, pra não cair. E é o que a gente faz, e é o que eu faço aqui. [...] (Silva, 2018a)

Impossível esgotar a densidade das proposições de Tia Santa contidas no relato acima. Atento, brevemente, para a dupla origem dos seus conhecimentos: aprendizado no âmbito familiar, ao mesmo tempo, transmissão direta das entidades que compõem o panteão umbandista. Conforme me detalhou em diversas situações de diálogo, além do meio familiar, esse apuramento da percepção foi forjado por intensos processos de iniciação, e ainda, duas situações em que esteve no limiar de fazer sua própria “passagem” para outro plano. Foram inúmeros os atravessamentos que a tornaram uma “mestre do invisível”, capaz de manter um diálogo permanente com “o conjunto de tudo que vibra” (Bona, 2020, p. 11).

Tia Santa está à frente do Centro de Umbanda Nossa Senhora Aparecida há mais de 20 anos, e este vínculo foi estabelecido poucos anos após a sua migração para a Vila Cancelão, por solicitação do líder espiritual desta casa de religião, já em vias de fazer a

as propriedades bioquímicas da planta que operam a cura, mas também as entidades a elas associadas. Saber as palavras corretas para invocar estas entidades e como proferi-las é, portanto, parte essencial dessas tecnologias de cura.

¹⁹ “Cercado” é o termo utilizado, especialmente nesta parte do estado do RS, para se referir às pequenas lavouras que eram mantidas, antigamente, nas estâncias e fazendas de criação extensiva de gado, geralmente por peões ou capatazes que nelas residiam, para protegê-las da invasão do gado, cavalos e ovelhas.

sua “passagem” para o outro plano. Sua trajetória como umbandista, porém, vem de longe. Além de ter crescido em uma família umbandista e ali educado a sua atenção (Ingold, 2020) para a experiência de outros regimes de realidade, circulou por no mínimo três Centros, na época em que residia na “campanha”, tempo em que a umbanda era largamente praticada em espaços rurais, naquelas margens do Pampa.

As sessões ordinárias do Centro acontecem uma vez ao mês, sempre no segundo sábado, tendo início às 9 horas e finalizando, geralmente, em torno das 17 horas, com intervalo para o almoço. A definição de uma data mensal – e não semanal, como é mais usual em Centros de Umbanda – foi acordada entre a cacica e os integrantes da diretoria, que concluíram pela adequação às necessidades dos integrantes da “corrente” que trabalham de segunda à sábado em empresas agropecuárias, e sendo apenas uma vez ao mês, facilita a negociação da dispensa do dia de trabalho. O imperativo de negociação entre compromissos com o trabalho e com a espiritualidade leva alguns integrantes da “corrente” e da “assistência” à frequentarem apenas à tarde ou vice-versa.

A grande maioria dos homens, assim como algumas mulheres, trabalham nas “firmas”, como são denominados esses empreendimentos agropecuários, especialmente de silvicultura, tanto na derrubada das árvores de pinus e acácia como no seu beneficiamento nas serrarias, e por falta de outra opção, submetem-se a jornadas de trabalho extenuantes, que avança a noite, ou, o que é mais comum, inicia nas primeiras horas da madrugada. Além dos sérios problemas de articulações e coluna, causados pelo manuseio de peso excessivo, sobressai frequentes problemas de pele ou do aparelho digestivo, pelo constante contato com insumos químicos utilizados no tratamento da madeira.

No último diálogo gravado que tive com Tia Santa, em agosto de 2025, ela me explicava que aquele ano o seu Centro de Umbanda estava sendo regido, espiritualmente, por três casais de entidades²⁰, que se intercalariam, sendo que dentre eles, atuaria um casal da linha de preto-velho, que até então não havia ainda se manifestado, mas o seria. A explicação para a presença dos pretos-velhos na regência do ano incidia sobre a exaustão

²⁰ Tia Santa não segue a dinâmica de regência do ano anunciada por outras religiões de matriz africana, como candomblé e batuque, que geralmente acordam sobre um(a) orixá específico(a) que irá reger determinado ano. Segundo ela, ao final de cada ano, a ou as entidades que irão reger o ano seguinte se apresentam a ela, ocorrendo, geralmente, ser uma regência composta e cujo período de duração não necessariamente coincide com o ano civil, sendo comum algumas entidades iniciarem um determinado trabalho/meta de regência que será continuado por outras.

física dos integrantes da corrente ou frequentadores, além dos obstáculos que acarretava à plena vivência das práticas espirituais promovidas pelo Centro:

Tia Santa – [...] Os pretos-velhos, os escravos, que é pra tirar um pouco, aliviar essas pessoas que trabalham... Ainda tem gente que trabalha como escravo, tu entende? Agora, eles [os pretos-velhos] querem tirar, eles querem botar um regra para os funcionários. E para eles entenderem que isso aí terminou. Porque têm muitos que ainda que não estão aceitando que terminou a escravatura.

Rosane – Então por isso que eles querem botar preto velho, também, junto?

Tia Santa – Sim, vão botar os pretos-velhos pra mostrar como era o tempo dos escravos, e que isso terminou. Que eles tiveram a liberdade deles e esses funcionários não estão com a liberdade que tem que ter. Eles não tem mais feriado, sai 1 hora da madrugada para chegar, às vezes, 2 horas da tarde em casa. Isso não é lei, né? Isso é tempo de escravo. (Silva, 2025)

A dinâmica da plantation invade o Centro de Umbanda, ditando alguns ritmos, presenças e ausências. Mas o inverso também ocorre. É muito comum os trabalhadores, no final de um dia ou outro de trabalho (ao menos uma vez por semana), irem até a residência de Tia Santa para atualizar sobre como estão perante a labuta diária. Banho de ervas, breviários, guias e preces acompanham os corpos que se deslocam diariamente para os empreendimentos, e embora geograficamente distante, Tia Santa os acompanha espiritualmente, firmando a segurança dos trabalhadores perante o conga, conforme me explicou na última entrevista:

Rosane – E no dia-a-dia de cortar o mato, são os pretos-velhos também que cuidam?

Tia Santa – Cuidam, porque eles estão trabalhando na escravatura.

Rosane – Eu achei que fossem os caboclos, por ser mato.

Tia Santa – Sim, mas eles têm a doutrina de, quando chegar no mato, ‘saravado seja Pai Oxóssi, saravada seja Jurema da Mata, com licença, nós vamos entrar na sua mata’. Eles têm a doutrina.

Rosane – Eles também fazem a parte deles.

Tia Santa – Eles também fazem a parte deles. E eu daqui digo: ‘Pai Oxóssi, cuide esses filhos que estão ganhando seu ganha pão, seu sustento material na ciência da mesa’. (Silva, 2025)

Novamente emerge uma temporalidade curvilínea, espiralar (Martins, 2021): o “tempo dos escravos” não é algo que diz respeito apenas ao passado, compõe o presente na forma de experiências desafiadoras, mas espera-se, que não o futuro; para o quê, conjura-se quem já participa desta luta desde tempos remotos, para rasurar no presente a

ameaça de “converter a los muchos mundos existentes en uno solo” (Escobar, 2014, p. 76), configurando-se uma luta ontológica. Luta esta que se manifesta não na forma de conflito aberto, o que ameaçaria as cada vez mais raras possibilidades de emprego, mas sim por meio de resistências furtivas e discretas, estabelecidas no âmbito de uma fronteira móvel e porosa, que distingue as dinâmicas de vida quilombola/umbandistas da lógica dos empreendimentos das imediações, afinal...

[...] antes de ser linha de enfrentamento, a fronteira é zona de contato, ela só distingue para conectar. Antes de serem linhas, as fronteiras são espaços de vida onde os humanos sempre se reinventaram alimentando-se da estranheza de seus próximos. Como recifes de coral, as fronteiras só respiram pelos seus poros, suas asperezas, suas superfícies vazadas onde se produz a fecundação recíproca de mundos incomensuráveis. (Bona, 2020, p. 69-70)

Além das sessões ordinárias, há um ciclo de festividades em que corpos e entes extrapolam o exíguo espaço do Centro de Umbanda e os vínculos se distendem no espaço, ocupando-se os pátios da vizinhança ou conectando aquele território existencial a outros, situados alhures. Estas festas sempre são realizadas aos sábados ou domingos mais próximos à data de referência, remetendo novamente ao imperativo de negociação entre dispensa do trabalho e vivência da espiritualidade. Especialmente nas festas dedicadas aos pretos-velhos, como a alusiva ao 13 de maio e a fogueira para Pai João de Angola (que corresponde ao Dia de São João), é comum a realização de churrasco e/ou fogueira em algum pátio da vizinhança. Se este pátio é um pouco mais distante do Centro de Umbanda, leva-se a carne assada até o seu interior, para que entidades e demais pessoas desfrutem da dádiva, com os pretos-velhos sentados em formato de círculo e a comida depositada ao chão, em toalhas e recipientes, ao centro da roda. Caso o pátio seja próximo ao Centro, como ocorreu nos dois últimos anos, são as entidades que se deslocam, incorporadas, para o local onde a carne está sendo assada, e sentam-se em roda na volta do fogo e das brasas para saborear o presente que lhes é ofertado. Nestas ocasiões, é comum uma farta disponibilidade de carne de porco, ovelha, gado e galinha, assados em fogo de chão ou em churrasqueiras de latão, mas com brasas feitas de lenha, geralmente doadas por pessoas que receberam alguma “graça” de uma entidade ou então, por algum membro da “corrente”. Alguns animais abatidos – especialmente aves e porcos – são criados nos pátios de alguns moradores que residem na Vila e possuem terrenos um pouco maiores. Mas, especialmente os de maior porte, são provenientes de propriedades

localizadas na “campanha”, sendo os seus doadores proprietários ou empregados dos empreendimentos de onde provêm o animal sacralizado. Dada a exiguidade dos espaços e recursos, a preparação dessas cerimônias é objeto de intensas negociações. São ocasiões em que muitos pátios se conectam, alguns mais próximos, outros geograficamente distantes.

Finalizo, sem no entanto concluir, situando, a partir de Dénètem Touam Bona, essa forma singular de (re)compor mundos como uma “arte da fuga”, compreendendo fuga como uma...

[...] subversão a partir de dentro, seja esse dentro a colônia ou nossa sociedade de controle – e por mais que ele nos pareça completamente fechado em sem saída. A fuga não é transgressão ilusória em direção a um fora transcendente, mas secreção de uma versão subterrânea – clandestina e herética – da realidade. Pois construir uma fuga não significa ser posto para correr. Pelo contrário, é fazer o real escapar, operar nele variações sem fim para contornar qualquer tentativa de captura. [...]” (Bona, 2020, p. 47)

Referências

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogô, 2021.

SILVA, Santa Rosália Ulguim da Silva. Diálogo registrado pela equipe do Projeto de Extensão “Etnodesenvolvimento e Direitos Culturais em Comunidades Quilombolas e Indígenas” (DAA/UFPEL), coordenado pela Profa. Rosane Aparecida Rubert. Piratini (RS), 09 de junho de 2016.

SILVA, Santa Rosália Ulguim da Silva. Diálogo registrado pela equipe do Projeto de Extensão “Etnodesenvolvimento e Direitos Culturais em Comunidades Quilombolas e Indígenas” (DAA/UFPEL), coordenado pela Profa. Rosane Aparecida Rubert. Piratini (RS), 16 de julho de 2018(a).

SILVA, Santa Rosália Ulguim da Silva. Diálogo registrado pela equipe do Projeto de Extensão “Etnodesenvolvimento e Direitos Culturais em Comunidades Quilombolas e

Indígenas” (DAA/UFPEL), coordenado pela Profa. Rosane Aparecida Rubert. Piratini (RS), 06 de outubro de 2018(b).